



COMICHÃO DE CÃO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

O meu cão está com comichão. Coça-se desenfreadamente, todo o santo dia.

– Queres tomar uma banhoca? – pergunto-lhe eu.

Mas ele foge-me. Diz que não é cão de água e que as pulgas são dele, só dele, muito dele.

O meu cão tem um azar ao banho que nunca vi.

– Preferes continuar com essa comichão, preferes?

Ele diz que sim e coça-se.

Mas isto não me parece bem. Quem o vir naquele desespero o que dirá? Que o dono é um porco, porque nunca dá banho ao desgraçado do cão.

Tive de tomar providências. Fui passear com ele à praia e, de repente, sem me despir, atirei-me para o meio das ondas. Ele que me segue para todo o lado, seguiu-me.

Coisas do instinto, de que rapidamente se arrependeu, mas já era tarde. Estávamos os dois a nadar, cada qual no seu estilo. Eu tiritava, porque o mar de Março é gelo derretido. Nunca experimentem.

Quando, ambos a pingar, regressámos a casa, fui logo acender a lareira e mudar de roupa. Ele ficou com o pêlo de sempre, mas já não se coçava.

As pulgas teriam morrido afogadas ou de frio ou de susto. O meu cão de pêlo salgado regalava-se ao calor da lareira. Lá para Julho volto a experimentar o truque. Pode não resultar, mas, ao menos, já não me constipo.

FIM